

V. 1, n. 1, Uberlândia: 2011. ISSN: 2317-8310

“CARTAS CHILENAS”

Uma visão sobre as transformações políticas e morais da sociedade de minas gerais no último quartel do século xviii

Ana Maria Bertolino¹

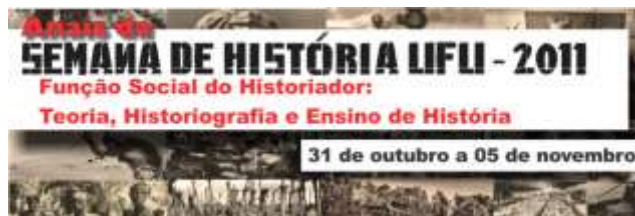
Resumo: O projeto tem como objetivo a analisar a obra *Cartas Chilenas* de Tomás Antônio Gonzaga, no intuito de entender as transformações políticas e sociais que estavam ocorrendo nas Minas no fim do século XVIII. Porém se faz necessário ressaltar que o livro mostra uma interpretação de Gonzaga, sobre a realidade do seu tempo e do seu lugar. A obra narra através de cartas os mandos e desmandos de Fanfarrão Minésio, codinome do então governador das Minas, Cunha Meneses. Esta correspondência se dava entre Critilo, Tomás Antônio Gonzaga, e seu amigo Doroteu, que supostamente seria Cláudio Manuel da Costa. Em vista que a pesquisa está em seu início, assim tenta entender a contextualização da época, a relação de Minas com a Coroa, a crise do ouro e os novos valores que se incorporavam à moral daquela sociedade.

Palavras-chave: Minas do século XVII. Política. Sociedade.

Introdução

Este plano de estudo, que liga-se ao subprojeto “Moral, política e retórica: a detração das Minas e de seus habitantes nas letras setecentistas”, que compõe o projeto de pesquisa: “Religião, Natureza e Costumes: gestos, saberes e discursos na América portuguesa (século XVIII)”, financiado pelo CNPq (400475/2010-3) e coordenado pelo prof. Guilherme Amaral Luz. Elege-se, como abordagem, o viés político das transformações ocorridas no Império português no século XVIII, especialmente na região das Minas. Este trabalho terá como

¹ Graduanda em História na Universidade Federal de Uberlândia- 6º período



V. 1, n. 1, Uberlândia: 2011. ISSN: 2317-8310

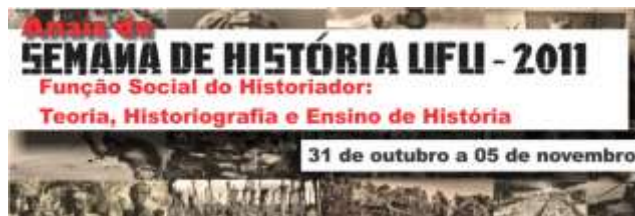
objeto de análise da obra *Cartas Chilenas* de Tomás Antônio Gonzaga, a partir da qual buscará conhecimento da política das Minas no seu tempo.

É importante destacar que o momento da escrita da obra já é de decadência da mineração, prejudicando a economia da província; isso também terá reflexos na política local. O livro interpreta o governo de Cunha Meneses, com o codinome de Fanfarrão Minésio, e seus desmandos administrativos, infringindo as leis vindas de Portugal; sendo que Cunha Meneses era o maior representante do rei na Província. Gonzaga apresenta-se na obra sob pseudônimo de Critilo e seu correspondente é o amigo Doroteu, que supostamente seria o poeta Cláudio Manuel da Costa.

Justificativa

As *Cartas Chilenas* são compostas por epístolas em verso que conformam sátiras políticas. A obra interpreta a época na qual foi escrita, podendo ser tomada como um documento histórico que ajuíza sobre os costumes sociais e políticos e sobre suas transformações naquele momento. Segundo Joaci Furtado, não há uma data exata de quando a obra foi escrita e nem de sua primeira circulação, mas fica nítido que foi posteriormente ao mandato de Cunha Meneses, pois este não iria receber pacificamente tais críticas ao seu governo². Esta obra é um documento histórico de valor para se entender as mudanças que ocorreram em Minas Gerais e os acontecimentos que antecederam a Inconfidência Mineira. O texto de Gonzaga interpretaria alguns episódios da administração de “Fanfarrão Minésio”, Cunha Meneses, destacando que este era intransigente à frente do governo e não respeitava as leis e as determinações da coroa portuguesa. Pelas *Cartas*, percebe-se um discurso segundo o qual a política naquele momento estava regida pelos desmandos do governador e pela corrupção.

² FURTADO, J. P. *Uma república de leitores. História e memória na recepção das Cartas Chilenas (1845-1989)*, São Paulo: HUCITEC, 1997. p. 160.



V. 1, n. 1, Uberlândia: 2011. ISSN: 2317-8310

Nota-se que os que rodeavam Meneses eram pessoas que já haviam lhe auxiliado em outros momentos, não sendo membros da sociedade local, gerando um desconforto entre a elite local e o governador³. Isso significa dizer que na região havia dois grupos sociais, uma velha aristocracia e um outro que está se formando com o governo de Meneses. Este novo grupo traria novos costumes e formas de comportamento social, causando repulsa na aristocracia tradicional⁴. Na obra, este aspecto é exposto porque Gonzaga fazia parte do núcleo aristocrático e atribuía essas mudanças “maléficas” ao governador, que reputa como autoritário e de moral destorcida. Assim, estas transformações sociais ganham importância, ficando como “pano de fundo” da política nas *Cartas Chilenas*.

No século XVIII, no Brasil, ainda não havia uma tradição literária, ou seja, não existia uma literatura nacional, sendo importante ressaltar que nesta época não havia também a noção de nação brasileira. Para alguns escritores, como Nunes Ribeiro e Antônio Cândido, as *Cartas Chilenas* é um dos livros que iniciam a literatura brasileira. Pelo seu viés político, elas ficariam marcadas também como uma obra de caráter incentivador da Inconfidência Mineira e defensora da independência do Brasil em relação à Portugal. Como explica Furtado:

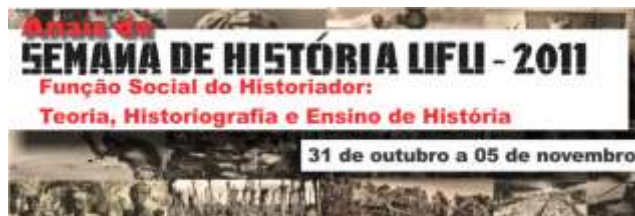
*“[...] num país sem tradições, é compreensível que se tenha desenvolvido a ânsia de ter raízes, de aprofundar no passado a própria realidade, a fim de demonstrar a mesma dignidade histórica dos velhos países...”*⁵

Merece destaque em relação às *Cartas Chilenas* a questão de que, ao longo do tempo, elas foram recebendo várias interpretações. Conforme Furtado, na Era Vargas, as *Cartas*

³ Antes de ser governador de Minas, Cunha foi governador de Goiás (1778-1784), ao mudar de capitania leva consigo seus assessores. Ver: FURTADO, J. P. *Uma república de leitores*. História e memória na recepção das *Cartas Chilenas* (1845-1989), São Paulo: HUCITEC, 1997. Cap. 2. p. 47-60.

⁴ FURTADO, J. P. *Uma república de leitores*. História e memória na recepção das *Cartas Chilenas* (1845-1989), São Paulo: HUCITEC, 1997. p. 63/ GONZAGA, T. A. *Cartas Chilenas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006. Carta 5. p. 89.

⁵ FURTADO, J. P. *Uma república de leitores*. História e memória na recepção das *Cartas Chilenas* (1845-1989), São Paulo: HUCITEC, 1997. p. 90-91.



V. 1, n. 1, Uberlândia: 2011. ISSN: 2317-8310

Chilenas tiveram uma importância ímpar, porque Vargas as usou para ajudar a promover o nacionalismo. Contou, para isso, com várias edições do livro nesta época, ressaltando o período da Inconfidência por ter lutado pela soberania do país.⁶ Porém, em uma análise mais detalhada da obra, se vê que é difícil encontrar o caráter da luta pela independência, pois Gonzaga era português e funcionário da coroa, ouvidor da capitania de Minas Gerais. Lendo a obra, fica evidente que as críticas são à má administração de Meneses e não a coroa de Portugal. Percebe-se que as cartas seriam até um documento para que o rei pudesse perceber a má administração realizada pelos seus representantes nas colônias⁷.

O ponto da autoria das cartas é outro que gerou várias discussões. Quem seria Critilo? Para a isso responder, contudo, é necessário passar por breves considerações sobre o estatuto da “literatura” no período histórico em questão. No século XVIII, a partir das reformas pombalinas, a poesia do século anterior, em Portugal, passa a ser renegada a segundo plano. De um modo geral, a literatura seiscentista é deixada de lado, como é registrado por João A. Hansen.

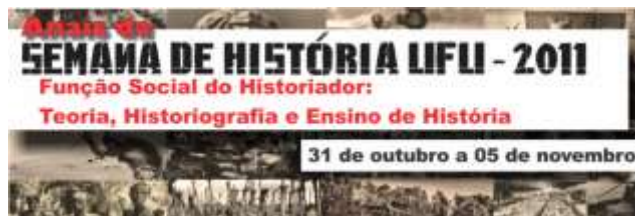
“Em Portugal, a obra dos seiscentistas começou a ser desqualificada principalmente a partir das reformas da cultura patrocinadas por Sebastião de Carvalho e Melo, o Marquês de Pombal.”⁸

Ainda segundo Hansen, nesta época, a “literatura”, incluindo a poesia, era algo restrito às camadas mais elevadas da sociedade, em toda a Europa e também em suas colônias. Esta literatura servia de divertimento para as classes altas, em seus salões. Os escritos também ajudariam a manter a ordem hierárquica, onde cada um tinha seu lugar e seu dever para manter o equilíbrio do sistema. Vale dizer que, naquele momento, o império português era

⁶ Idem. p. 141-142.

⁷ Idem. 108.

⁸ HANSEN, J.A. Introdução. In: PÉCORÁ, A. (org.). *Poesia Seiscentista*, SP: Hedra, 2002. p 22



V. 1, n. 1, Uberlândia: 2011. ISSN: 2317-8310

visto como um corpo, símile do corpo místico, em que cada um tinha seu lugar pré estabelecido⁹. A literatura ajudaria a preservar o mecanismo político de Portugal, no qual as colônias mantinham-se subordinadas à sua “cabeça política”: o reino, a coroa¹⁰.

Neste tempo, em que a literatura ajudava no estabelecimento da ordem e do equilíbrio do projeto político; vê-se que ser letrado trazia certo ar de poder e importância, tanto que os não letrados eram chamados de vulgares. Mesmo entre os letrados havia uma disputa, envolvendo os chamados “ sábios” e “pedantes”, sendo que estes últimos eram mais desclassificados por serem “*a categoria de escreventes repetidores*”, por não produzirem nada de original, sendo que o pedante adquire o significado de “espíritos fracos”¹¹. Hansen destaca que, no período seiscentista, os autores não tinham direitos sobre suas criações, como há atualmente. Com isso, os seus escritos eram facilmente modificados por outros enquanto eram copiados. Também havia aqueles que faziam seus textos e colocavam como se fossem de autoria de um famoso autor do gênero para o texto ter mais notoriedade.

“...As copias introduziam varias alterações em obras efetivamente compostas pelo autor; mas também se inventavam com o nome do mesmo, outras peças que lhe imitavam o estilo, tentando superá-lo...”¹²

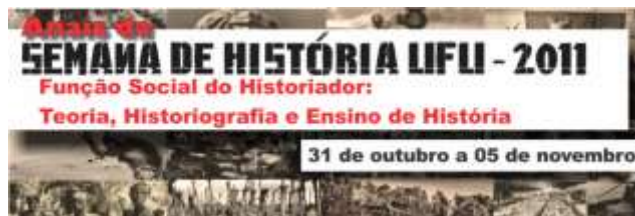
Isso de não se ter autoridade sobre a obra, aplica-se às *Cartas Chilenas*, cuja autoria foi, por muito tempo, incerta, sendo que os mais citados como autores sempre foram Tomás

⁹ Idem p. 27-33.

¹⁰ Essa tese encontra-se fundamentada em três textos: HANSEN, J.A. Introdução. In: PÉCORA, A. (org.). *Poesia Seiscentista*, SP: Hedra, 2002. p. 37-40; LUZ, G. A. Produção da concórdia: a poética do poder na América portuguesa (séc. XVI-XVIII). *Vária Historia*, v. 23. p. 543-560,2007. Disponível em <<http://www.scielo.br/pdf/vh/v23n38/v23n38a17.pdf>> acessado em 04 set. 2010; RAMA, A. *A Cidade das Letras*. São Paulo: Brasiliense,1982.

¹¹ Os pedantes eram uma parte da classe dos letrados, considerados inferior e excluída da parte da boa civilização, e por também não criar de original ganha o significado de “espírito fraco”. Ver: HANSEN, J. A. Introdução. In: PÉCORA, A. (org.). *Poesia Seiscentista*, SP: Hedra, 2002. p. 38.

¹² Idem. p. 47.



V. 1, n. 1, Uberlândia: 2011. ISSN: 2317-8310

Antônio Gonzaga e Cláudio Manuel da Costa. Assim, vê-se que aquela era uma época em que os autores não tinham domínio total sobre os seus escritos. Os estudos da Manuel Rodrigues Lapa¹³ sobre a obra e o contexto da época mostram que as cartas são de autoria de Gonzaga, pois Cláudio Manuel da Costa era amigo de Cunha Meneses e também não seria do seu feitio fazer críticas tão ácidas. Assim, Gonzaga, pelo seu notório desafeto com o governador, era o mais provável para ser Critilo, como afirma Furtado:

“[...] só em Gonzaga se reúnem as condições constantes destes versos [16 a30 da carta 9]; só poderiam ter sido escritos por ele, que pouco a pouco ai deixando cair a mascara do disfarce, ...”¹⁴

Mais um ponto que leva a confirmação de que Critilo é Tomás Antônio Gonzaga é o apego pelas leis, sendo que, nas *Cartas Chilenas*, destaca-se o desapego de Cunha Meneses perante as leis. Também encontra-se esta característica em outras obras “literárias” de Gonzaga, como *A Conceição*, para não falar de seus escritos propriamente políticos, como o seu *Tratado de Direito Natural*. Assim vê-se que o autor presa pelos valores pautados nos “bons costumes”, na “moral” e na “justiça”. Isso fica evidente na obra *A Conceição*, escrita por Gonzaga já durante o seu exílio na África. A obra conta a fúria dos deuses e ninfas contra os portugueses; acabando por ter uma ligação com a epopeia de Camões: *Os Lusíadas*¹⁵.

O século XVIII foi um momento crítico para a América portuguesa, da qual Minas era a região mais importante da colônia, que atraía o olhar de potências estrangeiras e possuía

¹³ Ver: LAPA, M. R. *As Cartas Chilenas; um problema histórico e filológico*, Rio de Janeiro: MEC/INL, 1958; LAPA, M. R. Verdade e ficção nas *Cartas Chilenas*. In: *Minas Gerais – Suplemento Literário*, Belho Horizonte, 158:2, 1969. Igualmente importantes são os prefácios escritos por este autor em: GONZAGA, T. A. *Obras completas de Tomás Antônio Gonzaga*, São Paulo: Nacional, 1942; GONZAGA, T. A. *Poesias – Cartas Chilenas*, Rio de Janeiro: INL, 1957.

¹⁴ FURTADO, J. P. *Uma república de leitores*. História e memória na recepção das *Cartas Chilenas* (1845-1989), São Paulo: HUCITEC, 1997. p. 155.

¹⁵ PÉCORA, A. *A Conceição: uma epopéia jurídica*. In: *Máquina de Gêneros*, SP: EDUSP, 2001. p. 169-287.



V. 1, n. 1, Uberlândia: 2011. ISSN: 2317-8310

uma população entendida como conflituosa, dificultando a administração por parte da coroa¹⁶. É importante focalizar os letrados desta época para compreender as mudanças políticas e sociais daquela realidade. Um bom ponto de partida para entender isso são as Cartas Chilenas, de Tomás Antônio Gonzaga. Faz-se importante analisar as *Cartas Chilenas* para além do seu caráter “literário”. Vale pensá-la como discursos acerca de acontecimentos de uma época em que se revelariam grandes mudanças políticas e sociais para as Minas, para a colônia e para o império português. Assim, a coroa tinha que manter a elite mineira ao seu lado, porém esta não tinha interesses únicos e não era homogênea, trazendo dificuldades administrativas. Para sanar esses problemas, Portugal distribuía títulos a esta população e dando perdão as faltas destes, para manter o controle da região e impedir a aliança dos mineiros com os inimigos externos da coroa.

A obra de Gonzaga interpreta o seu lugar em sua época sob aspectos da política e da sociedade de Minas Gerais, com um olhar crítico e mesmo até ácido das mudanças que ocorriam no século XVIII. Sendo a obra produzida no meio em que foi explorado e relatado. Apesar de os fatos mencionados nas *Cartas Chilenas* não serem mostrados de maneira cronológica, visualiza-se o contexto da administração e desrespeito as leis de Cunha Meneses, segundo a visão de Critilo, servindo para estudos históricos e entendimento da época.

Mostra-se interessante pesquisar esta obra como um testemunho histórico deste período, sem esquecer que é um livro baseado na interpretação de Gonzaga da realidade das Minas do século XVIII. Assim, pode-se ampliar o horizonte de estudo dos historiadores sobre a época, observado a relação entre poética e política; ou seja, entre os conflitos existentes entre as elites locais e as formas languageiras que se forjaram para lidar com eles.

Metodologia

¹⁶ Para entender esse momento crítico, ver: MELLO E SOUZA, L. *O Sol e a Sombra*. Política e administração na América portuguesa do século XVIII, São Paulo: Companhia das Letras, 2006. Cap. 2 A conjuntura crítica no mundo luso-brasileiro de início do século XVII. p. 78-84.



V. 1, n. 1, Uberlândia: 2011. ISSN: 2317-8310

Quanto á metodologia, a pesquisa será dividida em duas etapas. A primeira buscará compreender as representações das *Cartas Chilenas* quanto às personagens citadas no livro e à interpretação de Gonzaga da realidade da época. Para isso, não pretende-se elaborar uma pesquisa original, pois já é bastante vasta e adequada a bibliografia disponível, que compõe a fortuna crítica da obra, tais como os já citados trabalhos de Manuel Rodrigues Lapa, Joaci Furtado e muitos outros, como Afonso Ávila, Antônio Cândido, Ronald Polito e José Aderaldo Castelo¹⁷.

A segunda etapa será mais aprofundada e consistirá na contribuição mais original desta pesquisa. Buscaremos, aqui, compreender o referencial poético e retórico que orientou a escrita satírica das *Cartas Chilenas*. Para isso, realizaremos uma releitura histórico-retórica do texto de Gonzaga, buscando identificar aquelas estratégias discursivas que puderam dotar a obra de força persuasiva diante dos auditórios a que se dirigia. A realização desta etapa depende da consideração não somente da obra em isolado, mas também das características tradicionais de seu gênero retórico-poético e de alguns exemplares que emula¹⁸. Neste último aspecto, nos caberá valer da leitura de outras obras epistolares em circulação no século XVIII, tais como *Cartas Persas*, de Montesquieu¹⁹, e *Cartas Inglesas*, de Voltaire²⁰, além de textos moralistas do século anterior, como *El Criticón*, de Baltasar Gracián²¹, do qual, por exemplo, o nome Critilo é retirado. Além disso, de fundamental apoio será uma bibliografia a respeito da poética satírica ibérica e colonial e sobre suas matrizes genéricas mais longevas.

¹⁷ Desses autores, ver: ÁVILA, A. *As Cartas Chilenas* ou uma vontade de continuidade barroca. In: *O lúdico e as projeções do mundo barroco*, São Paulo: Perspectiva, 1980; CANDIDO, A. *Cartas Chilenas*. In: *Formação da Literatura Brasileira: momentos decisivos*, São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1985; CASTELO, J. A. *A Literatura Brasileira: manifestações literárias da era colonial*, São Paulo: Cultrix, 1981; POLITO, R. *Um coração maior que o mundo*. Tomás Antônio Gonzaga e o horizonte luso-colonial, São Paulo: Globo, 2004.

¹⁸ A respeito do que chamamos de leitura histórico-retórica, remetemos ao artigo de Guilherme Amaral Luz: *A insubordinação da História à Retórica: manifesto transdisciplinar*. In: *ArtCultura* (UFU), Uberlândia-MG, v. 09, p. 102-110, 2004.

¹⁹ MOTESQUIEU, C.S. *Cartas Persas*. Lisboa. Estampa, 1989.

²⁰ VOLTAIRE. *Cartas Inglesas. Tratado de Metafísica. Dicionário Filosófico. O Filósofo Ignorante*, São Paulo: Abril Cultural, 1984.

²¹ GRACIÁN, B. *El Criticón*, Madri: Olympia Ediciones, 1995.



V. 1, n. 1, Uberlândia: 2011. ISSN: 2317-8310

Destacam-se, preliminarmente, neste sentido, os trabalhos, por exemplo, de João Adolfo Hansen²² e Luisa López Grigera²³.

²² HANSEN, J. A. *A sátira e o engenho*. Gregório de Matos e a Bahia no século XVII, Campinas: Editora da Unicamp; São Paulo: Ateliê Editorial, 2004.

²³ GRIGERA, L. L. *Anotações de Quevedo à Retórica de Aristóteles*, Campinas: Editora da Unicamp, 2008.



V. 1, n. 1, Uberlândia: 2011. ISSN: 2317-8310

Fontes

ARISTÓTELES. *Arte Retórica e Arte Poética*, São Paulo: Edições de Ouro, 1980.

GONZAGA, T. A. *Cartas Chilenas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

GONZAGA, T. A. *Poesias – Cartas Chilenas*, Rio de Janeiro: INL, 1957.

GONZAGA, T. A. *Obras completas de Tomás Antônio Gonzaga*, São Paulo: Nacional, 1942.

G RACIÁN, B. *El Criticón*, Madri: Olympia Ediciones, 1995.

G

M

OTESQUIEU, C.S. *Cartas Persas*. Lisboa. Estampa, 1989.

PSEUDO CÍCERO, *Retórica a Herênio*, São Paulo: Hedra, 2005.

VOLTAIRE. *Cartas Inglesas. Tratado de Metafísica. Dicionário Filosófico. O Filósofo Ignorante*, São Paulo: Abril Cultural, 1984.

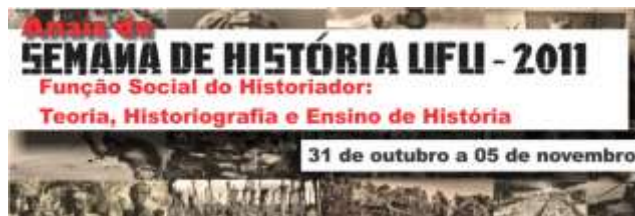
Bibliografia Preliminar

ALCIDES, S. *Estes Penhascos*. Cláudio Manuel da Costa e a paisagem das Minas 1753-1773. São Paulo: HUCITEC, 2003.

ÁVILA, A. *O lúdico e as projeções do mundo barroco*, São Paulo: Perspectiva, 1980.

AZEVEDO, E. M. *Minas Insurgente*. Conflitos e confrontos no século XVIII. Dissertação de Mestrado [História]. Uberlândia: Universidade Federal de Uberlândia, 2005.

CANDIDO, A. *Formação da Literatura Brasileira: momentos decisivos*, São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1985



V. 1, n. 1, Uberlândia: 2011. ISSN: 2317-8310

FURTADO, J. F. (org.). *Diálogos oceânicos: Minas Gerais e as novas abordagens para uma história do Império ultramarino português*, Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2001.

FURTADO, J. P. *Uma república de leitores. História e memória na recepção das Cartas Chilenas (1845-1989)*, São Paulo: HUCITEC, 1997.

GRIGERA, L. L. *Anotações de Quevedo à Retórica de Aristóteles*, Campinas: Editora da Unicamp, 2008.

HANSEN, J. A. *A sátira e o engenho. Gregório de Matos e a Bahia no século XVII*, Campinas: Editora da Unicamp; São Paulo: Ateliê Editorial, 2004.

HANSEN, J. A. Leituras Coloniais. In: ABREU, M. *Leitura, História e História da Leitura*, São Paulo: Mercado de Letras, 2000. pp. 169-182.

MAXWELL, Kenneth. *A Devassa da Devassa. A Inconfidência Mineira: Brasil e Portugal (1750-1808)*, Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995. pp. 108-167.

MELLO E SOUZA, L. *O Sol e a Sombra. Política e administração na América portuguesa do século XVIII*, São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

MELLO E SOUZA, L. *Norma e conflito: aspectos da história de Minas no século XVIII*, Belo Horizonte: Editora da UFMG, 1999.

LUZ, G. A. Moral e enriquecimento na América portuguesa: entre a vaidade e os desenganos. *Praesentia* (Mérida), v. 10, 2009. Disponível em: <http://vereda.saber.ula.ve/sol/praesentia10/filologia/moral-enriquecimiento.htm> Acesso em 11 de março de 2011.

LUZ, G. A. Produção da concórdia: a poética do poder na América portuguesa (séc. XVI-XVIII). *Vária Historia*, v. 23. p. 543-560, 2007. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/vh/v23n38/v23n38a17.pdf> acessado em 04 set. 2010.

LUZ, G. A. A insubordinação da História à Retórica: manifesto transdisciplinar. In: *ArtCultura* (UFU), Uberlândia-MG, v. 09, p. 102-110, 2004.

PÉCORA, A. (org.). *Poesia Seiscentista*, São Paulo: Hedra, 2002.

PÉCORA, A. *Máquina de Gêneros*, São Paulo: EDUSP, 2001.

POLITO, R. *Um coração maior que o mundo. Tomás Antônio Gonzaga e o horizonte luso-colonial*, São Paulo: Globo, 2004.

RAMA, A. *A Cidade das Letras*. São Paulo: Brasiliense, 1982.

RESENDE, M. E. L. & VILLALTA, L. C. (Org.). *História de Minas Gerais*. Belo Horizonte: Autêntica/ Companhia do Tempo, 2007. v. 1 e V.2.



V. 1, n. 1, Uberlândia: 2011. ISSN: 2317-8310

SILVA, M. B. N. *Ser nobre na colônia*, São Paulo: Editora da UNESP, 2005.

SILVEIRA, M. A. *O Universo do Indistinto*. Estado e sociedade nas Minas Setecentistas (1735-1808), São Paulo: HUCITEC, 1997.

TEIXEIRA, I. *Mecenato pombalino e poesia neoclássica*, São Paulo: EDUSP, 1999.

VALLE, R. A perpetuação da hierarquia: sentidos políticos do encômio poético de Cláudio Manuel da Costa. In: *História & Perspectivas*, n. 34, 189-223, 2006.

VILLALTA, L. C. *Reformismo ilustrado, censura e práticas de leitura: usos do livro na América Portuguesa*. Tese de doutorado (História). São Paulo: Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 1999.